

CURRÍCULOS E RESISTÊNCIAS: “LIBERTEM ÂNGELA DAVIS E TODOS OS PRESOS POLÍTICOS”

Recebido em: 27/09/2018

Aceito em: 07/05/2019

*Lucas Vinícius Cintra Mendes*¹
*Cathia Alves*²

Instituto Federal de São Paulo – Campus Salto
Salto – SP – Brasil

RESUMO: Esse texto é fruto de um trabalho da disciplina de “Orientação Sexual” num curso de pós-graduação em “Temas Transversais”, a partir da consideração de Ângela Davis como um dos ícones a serem mais investigados e conhecidos por todos nós. O objetivo desta pesquisa foi identificar os discursos presentes no documentário “Libertem Ângela Davis...”, para tal, o recurso metodológico qualitativo utilizado foi a análise de discurso foucaultiana. Ao considerar o documentário como um “texto cultural” que ensina modos de ser, ou seja, divulga um currículo, destacamos que esse vídeo discursiva representações e significados pautados na luta do movimento dos negros e negras que resistem aos diversos tipos de preconceitos e enfrentam suas batalhas. O documentário se desenha a partir da história de Ângela, mulher, negra, filósofa, professora e ativista. Ângela Davis com coragem e conhecimento, nos provoca a refletir sobre as questões do papel da mulher negra e nessa trajetória ela narra que queria estar lá, ela queria estar presente, ela queria participar da história. Portanto, no momento atual, também queremos estar lá e queremos participar da história, conhecer e divulgar Ângela Davis é uma das formas de vivermos a história.

PALAVRAS CHAVE: Identidade de Gênero. Estudos Culturais. Currículo. Ângela Davis.

CURRICULUMS AND RESISTANCE: "FREE ANGEL DAVIS AND ALL THE POLITICAL PRISONERS"

ABSTRACT: This text is the result of a work of the discipline of "Sexual Orientation" in a postgraduate course in "Transversal Themes", from the consideration of Ângela Davis as one of the icons to be more investigated and known by all of us. The objective of this research was to identify the discourses present in the documentary "Liberdade Ângela Davis ...", for such, the qualitative methodological resource used was the analysis of Foucaultian discourse. In considering the documentary as a "cultural text"

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Estudante regular do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Temas Transversais do IFSP – Campus Salto.

² Doutora em Estudos do Lazer pela UFMG, professora do IFSP – Campus Salto. Integrante do grupo de pesquisa Oricolé (UFMG); LIMC (IFSP) e pesquisadora Rede Otium.

that teaches ways of being, that is, it disseminates a curriculum, we emphasize that this video discourses representations and meanings based on the struggle of the black and black movement that resist to the diverse types of prejudices and face their battles. The documentary is drawn from the story of Angela, a woman, a black woman, a philosopher, a teacher and an activist. Angela Davis with courage and knowledge, provokes us to reflect on the issues of the role of the black woman and in this trajectory she narrates that she wanted to be there, she wanted to be present, she wanted to participate in the story. So at the present time, we also want to be there and we want to participate in the story, to know and to spread Angela Davis is one of the ways to live the story.

KEYWORDS: Gender Identity. Cultural Studies. Curriculum. Angela Davis.

Introdução

Escolher analisar um documentário tem relação direta com o campo dos Estudos Culturais, pois reconhecemos que esse artefato é composto por um currículo. Um texto cultural que ensina, molda, apresenta, discute, conta algo e produz determinados ensinamentos e discursos.

Desse modo, optar pela análise do “Libertem Ângela Davis e todos os presos políticos” (2012) conecta-se com a necessidade de falar sobre mulher, liberdade, igualdade, raça, resistência e gênero. Temas que nos são urgentes e que causam reflexão, tensão e desestabilizam os discursos normatizados e naturalizados.

Paraíso (2010b) aponta que currículo ao longo do tempo passou e sofreu processos de mudança, se libertou das amarras do ensino formal e passou a ser investigado por meio de artefatos culturais, encarados, inclusive como práticas, conteúdos e vivências de lazer. Segundo a autora, essa conexão se dá pelos mais diferentes e diversos tipos de objetos, principalmente quando o lazer é considerado como dimensão da cultura e o currículo caracterizado como prática cultural ou texto cultural. O currículo comunica-se com outros espaços e sentidos, desde a política

educacional até experiências culturais do cotidiano, como música, rádio, internet, cinema, jogos, brincadeiras, esporte, entre outros.

Chamados de “máquinas docentes”, por Giroux (2001), e ou “máquinas de ensinar”, pela Paraíso (2010a e b), o teatro, a TV, o cinema, o rádio, a internet, os jogos, as brincadeiras, as danças, as letras de músicas, as revistas, os jornais, os brinquedos, desenhos, as corporações (Disneylândia), dentre outros, são artefatos que possuem um currículo e envolvem muitas vezes práticas e experiências de lazer.

Esses currículos não escolares precisam de investigação e compreensão, pois produzem saberes e conhecimentos, formam sujeitos e geram significados (PARAÍSO, 2010a e b). Compreender e desmontar esses artefatos, bem como entender como funcionam, é importante na luta por um mundo menos dominador, por experiências de vida mais dignas que contribuam para a formação pessoal dos sujeitos.

Giroux (2013), em oposição à reprodução social e cultural, toma o currículo como antagonismo, procura superar o pessimismo e a imobilidade, propondo uma teoria da resistência. Para o autor, o currículo é uma forma de libertação e emancipação dos sujeitos, promove processos de criação, colaborando para um olhar pedagógico para além da educação estruturada formalmente.

Alves (2017) ao estudar um Programa de política pública educacional, também propõe o currículo de resistência como práticas de lazer que permanecem, insistem, persistem e são realizadas de forma espontânea pelos sujeitos que participam das atividades aos fins de semana em práticas voltadas para a saúde, o esporte, cultura e trabalho.

Foucault (2008) aponta que é necessário renunciar a temas que garantem a continuidade de alguns tipos de discursos e estar disposto a apoiar e recepcionar

discursos que rompem em acontecimento, nesse momento e nessa dispersão permitir que seja repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado, escondido, ou que venha à tona e seja reconhecido como verdade.

“Libertem Ângela Davis”, produzido em 2012 nos Estados Unidos e lançado no Brasil em dois de outubro de 2014, com direção de Shola Lynch (cineasta americana focada na história política de mulheres negras), retrata a vida de uma jovem professora universitária nascida no Alabama e interessada na defesa dos direitos humanos.

Ao ficar do lado de três prisioneiros negros nos anos de 1970, Ângela Davis entra para a lista das dez pessoas mais procuradas do FBI e se torna a mulher mais caçada dos Estados Unidos naquela época.

Desse modo, o que esse documentário nos ensina? Como nos molda? Quais discursos estão presentes nesse texto cultural? Compreendendo que se trata de um vídeo composto por um currículo de resistência, temos como objetivo apontar os discursos presentes nesse artefato, a partir de um recorte em torno da trajetória de Ângela Davis.

O documentário *Libertem Ângela Davis e todos os presos políticos* (2012) apresenta o contexto da luta pela igualdade dos direitos civis nos Estados Unidos que permearam as décadas de 60 e 70 do século passado. A narrativa discursiva gira em torno do envolvimento da filósofa e ativista Ângela Davis nesse conturbado contexto.

Para o presente texto, serão discutidos dois temas recorrentes ao longo de todo o documentário: a luta pelos direitos dos negros e o contexto de gênero e resistências que permeiam os trajetos de Ângela Davis.

Ângela deixa o sul quando as mudanças radicais começaram a acontecer, ela sai do sul para o norte e depois segue seus estudos na Alemanha. Não vivenciou

diretamente os protestos em Birminghan, mas ela queria estar lá; segundo ela: “A terra estava tremendo, era uma mudança, eu queria fazer parte daquilo” (LYNCH, 2012).

Segundo Sanches (2018) em artigo publicado na revista “Carta Capital”, a tradução dos textos de pensamento mais contemporâneo de Ângela Davis para o Brasil no ano de 2018 é crucial, pois em primeiro lugar, flagra uma versão de Estados Unidos mais semelhante que divergente do Brasil que conhecemos desde sempre, Ângela Davis defende que a escravidão jamais foi abolida no “país da liberdade” e que as prisões são o sucedâneo “moderno” do modelo de escravização que os Estados Unidos supostamente aboliram nos anos de 1860 e o Brasil, em 1888. Portanto, discutir sobre Ângela Davis é atual e pertinente, a terra está tremendo e precisamos estar lá.

Método de Análise

Investigações fundamentadas nos Estudos Culturais não possuem especificamente nenhuma metodologia recomendada com segurança, pois várias formas de pesquisa podem ser utilizadas e contribuir para as investigações nesse campo. A determinação dos métodos e técnicas está diretamente relacionada ao objeto do estudo e seu contexto (PARAISO, 2004).

Pesquisar com base nos Estudos Culturais permite liberdade, provocações e riscos.

Assim, a análise e tratamento dos dados se deram a partir de Foucault (2013), pois analisar discursos: “nada mais é do que a verdade reverberando... um jogo de escrita e de leitura. Se anula em sua realidade atendendo a significância” (FOUCAULT, 2013, p. 49), ou seja, “o discurso é constituído por um conjunto de sequências de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades

particulares de existência” (FOUCAULT, 2013, p. 122). O discurso foi fixado nos enunciados que estão presentes no mesmo tipo de formação discursiva.

O material de análise é o documentário “Libertem Ângela Davis e todos presos políticos”. Destacando as formações discursivas em torno das resistências, persistências e lutas de Ângela.

As Lutas pelos Direitos dos Negros, Gênero e Resistências que Permeiam os Trajetos de Ângela Davis

Vários estudos abordam temáticas que perpassam o campo do lazer, da cultura e do currículo, envolvendo valores pessoais e sociais que de certa forma relatam divergências e até mesmo “resistências”, tais como, as investigações que questionam as redes sociais, histórias em quadrinhos, manifestações musicais, filmes, bonecas, programas de políticas públicas, corporações e elementos midiáticos (ALVES, 2017; CUNHA, 2010, 2011, 2014; DAL’IGNA, 2011, 2014; DAMICO, 2011; FISCHER, 1999, 2001a e b, 2002, 2003; GIROUX 2001 e 2013; MAGALHÃES e RIBEIRO, 2014; MELO, 2018; MENDES, 2004 e 2006; 2010c; PINAR, 2007 e 2011; RIBEIRO, 2010 e 2015; SALES, 2010a, 2010b, 2014; SILVA, 2010; SILVA, 2013, SOUSA, 2004).

Essas práticas representadas por diferentes tipos de lazers operam com artefatos que possuem um currículo que transmitem sentidos, representações e significados para uma determinada comunidade e ou grupo de sujeitos. Algumas pesquisas vêm se utilizando dessa abordagem do currículo para realizar investigações que estão conectadas ao campo do lazer, da cultura, do esporte e da educação (ALVES, 2017).

Dessa forma, é interessante perceber que, por esses artefatos, o lazer com sua facilidade de fluxo alcança práticas da pedagogia, da cultura, do esporte, do currículo e

da política. Nesse cenário, o currículo é um discurso e um texto cultural que implica relações de poder-saber e faculta possibilidades de ver e dar sentido ao mundo. A cultura e o currículo ultrapassam as barreiras da formalidade e se sobrepõem aos muros escolares, o currículo cria vínculos diferenciados a partir de sentidos e de representações de vivências e de práticas do lazer (ALVES, 2017).

Assim as correlações de forças políticas não existem sem movimentos de resistência e esses movimentos são inerentes às relações de poder, estão emaranhados e envolvidos nas redes (RIBEIRO, 2010). “onde há poder, há resistência”, que se multiplica e integra estratégias e tecnologias de condução (FOUCAULT, 2003).

Historicamente, as relações de poder, tais como funcionam numa sociedade como a nossa, têm, para Foucault (2005), um fundamento, um ponto de ancoragem que representa uma relação de força estabelecida na guerra e pela guerra. Nesse cenário, o poder político tem como função reinserir essa relação de força de outros modos e em outros meios, mediante uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, nos corpos de uns e de outros, etc.

Portanto, não existe especificamente um lugar de resistência, existem pontos móveis e transitórios que se distribuem por toda estrutura social, causando e levando a movimentos e circulação desse poder. A resistência é um movimento de oposição consciente que se opõe aos domínios e pressões; resistir é aguentar, fazer durar algumas conquistas e se recusar a ceder e abrir mão de direitos (ALVES, 2017).

Ângela Davis em seu contexto de luta, representa um destes pontos móveis que desestabiliza, desnaturaliza e provoca movimentos nessa rede de poder. Falar de igualdade racial na história dos Estados Unidos era revolucionário e Ângela junto a outros movimentos resistiu e lutou. Os anos 60, nos Estados Unidos, possuíam uma

forte política de segregação em relação a gênero, raça e cor. Homens e mulheres, brancos e negros eram tratados com ampla diferença social.

As imagens do documentário, mostram que se as mulheres negras frequentassem banheiros para mulheres brancas ou se negros bebessem água em bebedouros para brancos, tais práticas seriam consideradas completamente ultrajantes. A população era dividida como se houvesse uma grande epidemia na sociedade e a contaminação ocorreria caso uma pessoa branca tivesse algum contato com uma negra.



Imagens do documentário *Libertem* Ângela Davis e os prisioneiros políticos (2012): respectivamente, 02': 21'' & 02': 25''.

O documentário mostra a violenta segregação que os negros sofreram nos Estados Unidos, isto é, o modo truculento como eles eram tratados quando saíam às ruas em busca de direitos iguais em um período em que se professava “igualdade de direitos”. Mesmo após o fim da escravidão as pessoas ainda se deparavam com escritos (ou dizeres) ofensivos, tais como: *white ladies only* em uma porta de banheiro, *colored only* em um bebedouro exclusivo para negros, etc.

Não por acaso, grupos foram criados e se mobilizaram para lutar pelos direitos das pessoas negras; um dos mais famosos grupos conhecido como “O Partido dos Panteras Negras”, estava disposto a contradizer a tendência racista institucionalizada no

país: eles pegavam em armas e se auto intitulavam comunistas, a fim de salvaguardar seus direitos perante a *Bill of Rights* americana. Neste mesmo contexto, surgiram, também, as reivindicações do movimento *Black Power*, que lutava pela dignidade do povo negro.

Ângela Davis narra tais acontecimentos se lembrando do dilema em que se encontrava por ver o seu povo lutando, historicamente, por direitos enquanto estudava na Alemanha. Em virtude de todos os acontecimentos, em 1967, ela retorna para os Estados Unidos, especificamente para San Diego, por se tratar do local em que o filósofo, da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse se encontrava. Segundo a filósofa, o sentimento de que o mundo estava mudando, principalmente o mundo das pessoas negras motivou esse retorno. O dilema de Ângela Davis referia-se ao clássico dilema entre tipos de conhecimento (teórico e prático) e suas relevâncias dentro da sociedade.

Ângela Davis alega:

Eu precisava do coletivo, precisava de pessoas com quem me engajar, eu vi que não conseguiria nada importante individualmente. Eu tinha me envolvido brevemente com os Panteras Negras no Comitê de Coordenação Estudantil não Violenta, a organização de estudantes negros no meu campus, mas eu não gostava do nacionalismo, da supremacia masculina, de saber que as mulheres deveriam ter papel secundário e, literalmente, ficar aos pés dos homens³ (LYNCH, 2012).

A filósofa que estava em busca de maiores embasamentos teóricos, estudando a filosofia germânica, percebeu a necessidade de colocar em prática seus conhecimentos filosóficos unindo-se à causa dos Panteras Negras e do Movimento “*Black Power*”. Segundo a filósofa, sua escolha (por regressar e lutar) foi motivada pelo conhecimento que ela havia adquirido com o filósofo Herbert Marcuse: “que o conhecimento pode

³ Segundo Davis, tais motivos justificam sua associação com o partido comunista, uma vez que ela passou a conviver com pessoas que partilhavam dos mesmos anseios.

ajudar a transformar o mundo, que o conhecimento não existe numa dimensão própria, mas pode ser ativo, pode ser prático” (LYNCH, 2012).

Muitas vozes políticas foram caladas por proclamar a importância da mudança social e política no país: Malcom X foi assassinado por defender o direito político dos negros de votarem e o mesmo aconteceu com Martin Luther King, e, nem mesmo, John F. Kennedy saiu ileso. A violência estava instaurada e o país estava à beira de uma guerra civil: de um lado, a força ostensiva da polícia tentando conter a sedição instaurada pelos Panteras Negras; e, do outro lado os próprios Panteras Negras fortemente armados buscando a efetiva mudança nos direitos políticos e sociais.

Ângela Davis representava todas as ideias que o governo e a população mais conservadora condenavam: era comunista, negra, mulher, inteligente, politizada, forte e ativista. Unida ao movimento dos Panteras negras, lutavam por um outro tipo de sistema, equilíbrio nos direitos, moradias melhores, fim da violência policial, fim do desemprego dos negros. O discurso era mudar as condições do sistema.

“Temos que falar sobre ser radical, radical significa etimologicamente uma coisa referente a raiz. É interessante que brancos sejam chamados de radicais e negros sejam chamados de militantes” (LYNCH, 2012).

Ângela discursava as diferenças, ensinava sobre os modos de ser que eram atribuídos aos negros em submissão aos brancos, ela convidava para luta e resistência com o discurso “poder para o povo”.

Não obstante, ocorreram dois fatos que agravaram ainda mais a situação, porém foram decisivos para o desfecho histórico da garantia de direitos para os negros. O primeiro foi o de que Ângela Davis rapidamente se tornou a principal porta-voz ativa pela libertação dos presos políticos que eram capturados pela força policial.

Nesta época, Ângela Davis já havia sido convidada para ministrar aulas de filosofia na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), porém ela foi demitida por afirmar abertamente que era comunista. De acordo com os relatos do reitor da UCLA, na época, as pessoas não entendiam o significado da expressão “Liberdade Acadêmica” (*Academic Freedom*). Muito provavelmente, ele relata, o caso de Ângela Davis não seria um grave problema para ele e para seus colegas de profissão, porém ela era vista como uma ameaça política e social pela maioria da população e pelo presidente Ronald Reagan.

Ângela se tornou símbolo dos movimentos por direitos iguais naquele período. Ela se surpreendeu com a exposição pública, alunos elogiavam suas aulas, outros condenavam, e surgiram muitas ameaças: “Professora comunista” – “Cretina horrorosa” – “Macaca horrorosa, volte para os canibais”. Recebia cartas que a juravam de morte, Ângela teve medo e precisou se proteger.

Entretanto, subia nos palanques e fazia discursos de defesa a comunidade negra e aos Panteras Negras, convocava a todos a se defenderem do genocídio contra os negros e negras. *Power the people* ou “poder para o povo” era com essa frase que Ângela geralmente se despedia nos discursos.

Ângela declarou que perdeu o emprego por questões políticas, enquanto Regan⁴ dizia que ela não era profissional. Nesse contexto, três negros, presos políticos sofreram por acusações menores, como roubar uma televisão e roubar 70 dólares.

Nesse cenário, Ângela se sensibilizou a causa desses negros e na luta pela liberdade dos presos políticos, ela se apaixonou. Além do ideal que a filósofa defendia

⁴ Ronald Wilson Reagan foi o 40º presidente dos Estados Unidos e o 33º governador da Califórnia. O mandato presidencial foi de 20 de janeiro de 1981 a 20 de janeiro de 1989.

com veemente paixão, ela passou a nutrir sentimentos pessoais por George Jackson⁵ que havia sido condenado a onze anos de prisão por roubar setenta dólares.

Ângela Davis tinha bons motivos para se apaixonar por George Jackson: ele não se entregou facilmente aos males da prisão, dedicando-se à atividade intelectual; tornou-se um ideal de resistência; era um exemplo vivo dos problemas daquela sociedade. Ainda, o caso de Jackson a fez refletir sobre o verdadeiro significado do termo “crime” na sociedade americana. Além disso, Ângela Davis conviveu com o seu irmão, Jonathan Jackson (de 17 anos), que tragicamente causou o ataque ao júri que terminou com a morte das quatro pessoas, incluindo a si mesmo e o juiz expostos no documentário.

O outro fato determinante foi o de que em San Rafael, ao norte de San Francisco, um juiz e outras três pessoas foram mortas a tiros numa tentativa de fuga de alguns detentos e a arma cuja troca de tiros deixou quatro mortos estava registrada no nome de Ângela Davis.

Em decorrência desse fato, Ângela Davis passou a fazer parte da lista dos dez fugitivos mais procurados do FBI. Neste período, o FBI e a polícia atacaram as comunidades negras do país abordando toda negra jovem com um espaço entre os dentes e com cabelos afros porque era a descrição que eles tinham da “foragida”. O propósito era encontrar e prender a ex-professora, comunista e revolucionária, da UCLA. A perseguição, novamente, direcionou-se para uma voz forte e ativa da luta pelos direitos sociais e políticos.

Uma das grandes questões que pairaram sob a perseguição do FBI a Ângela Davis é: por que ela não se entregou as autoridades, uma vez que não era culpada pelas

⁵ George Lester Jackson era um autor afro-americano, co-fundou a Família Guerrilheira Negra Maoista-Marxista. Nasceu em 23 de setembro de 1941 e morreu em 21 de agosto de 1971.

mortes como todos afirmavam? Gus Hall, do partido comunista, fez essa questão e ele mesmo a respondeu: “um julgamento justo é um problema sério para os negros americanos e ela tem direito de decidir a hora em que poderia ter esse julgamento”.

Quando Ângela é presa e submetida a condições horríveis, ela relembra que frequentou diversas cadeias lutando pelos direitos dos presos políticos, mas a condição era diferente: agora era ela quem estava sendo tratada desumanamente, sendo colocada na ala de pessoas com distúrbios mentais e na solitária. Ela estava sendo condenada a três penas de morte, sua conclusão era a de que aquilo não era apenas uma guerra particular, mas uma guerra contra um inimigo imaginário personificado por sua imagem: queriam, de fato, fazer dela um exemplo. Isso pode ser expresso de modo mais claro quando ela consegue se encontrar com seu amante, até então, um encontro intelectual que passa a ser discursado e marcado por ser completamente “lascivo” e “promíscuo”.

Nas palavras da filósofa: “foi um encontro muito complicado com todos os tipos de emoções e sentimentos” (LYNCH, 2012). O registro do encontro é expresso com excertos das cartas trocadas entre os dois, a saber: “Querido George (...) uma hora e meia depois (...) me senti plena, sinto você (...) você em mim (...) sobre mim (...) estou embriagada” (LYNCH, 2012). Entretanto, o memorando oficial expedido ao governo norte-americano era um verdadeiro ataque a Ângela e ao seu encontro com George: “Ângela Yvone Davis, comunista (...) encontro, comportamento lascivo (...) Davis e Jackson, abraços, beijos, toques, nádegas, imoral, antiético, obsceno (...) respeitosamente, agente da penitenciária” (LYNCH, 2012).

O desfecho narrativo de sua paixão intelectual e física é, sem dúvidas, muito marcante. Ambos se encontravam em uma situação semelhante, privados de sua

liberdade de modo pouco arrazoado, com claros indícios de perseguição e, quando puderam se encontrar foram julgados por se comportar em desacordo com os preceitos “socialmente louváveis”. Mesmo que eles não estivessem encarcerados na ocasião, o teor político e hipócrita das acusações permaneceria igualmente imenso. Essa cena é a completa legitimação de uma sociedade seletiva, que elege os valores moralmente louváveis quando lhe convém. Ângela Davis foi falsamente acusada de assassinato, sequestro e conspiração, foi alvo da violência institucional.

O momento do julgamento de Ângela Davis era crucial tanto pela derrota quanto pela vitória: o desfecho do julgamento definiria a força e a vida da luta por direitos de igualdade social. A filósofa e ativista estava sendo condenada à câmara de gás, por três crimes passíveis de pena de morte, crimes inafiançáveis na Califórnia. Embora ela relate sua relutância em pensar em tal pena, parece ser tarefa difícil. No entanto, inicialmente, pelo menos, dois fatos mudaram o estado de coisas: primeiro, o juiz escolhido para presidir o julgamento, que foi escolhido devido à sua reputação ilibada e idônea, declarou abertamente que caso o Estado da Califórnia não adotasse a pena de morte como pena cabal, ele aceitaria fiança sob recurso; segundo, a Suprema Corte da Califórnia declarou a pena de morte no Estado ilegal, considerando tal pena “cruel” e “insólita”.

Obviamente, precisaria apenas de: uma solicitação, por parte do sagaz advogado de Ângela Davis, pedindo o recurso; e, de alguém para pagar a fiança. O segundo ponto era o mais problemático. A cantora Aretha Franklin, ícone da música negra norte-americana, havia falado que pagaria a fiança, porém ela estava fora do país (nas Antilhas) e não seria possível fazer a transferência. Assim, temos, aos nossos olhos, o

fato mais marcante do documentário⁶: Roger McAfee, um fazendeiro branco, da região de Fresno (Califórnia), um dos locais mais conservadores do Estado, ofereceu sua fazenda como garantia para pagar a fiança de Ângela Davis. A reportagem da época apresentou o fato da seguinte forma:

[Repórter:] Quando Roger McAfee vai alimentar as vacas em sua fazenda, leva um rifle AR-15 semi-automático, porque afirma que ele, a mulher e os cinco filhos foram ameaçados. As ameaças começaram quando McAfee deu terras como garantia do pagamento da fiança de Ângela Davis.

[Roger McAfee:] Ângela sempre defendeu a liberdade das pessoas, a liberdade de expressão e esse é o estilo americano. Ser constantemente ameaçado não é ser livre. Isso mostra que não evoluímos o suficiente (LYNCH, 2012).

Em um cenário conturbado, de forte instabilidade político-social, de forte segregação racial, de embates violentos, o gesto singelo de garantia de direitos (como, por exemplo, a liberdade e a igualdade) partiu do “perfil” social de uma pessoa da qual jamais se esperaria tal ato. Por isso, ambos os fatos quando vislumbrados juntos soam com tanto impacto, eles parecem se contradizer: a regra moral geral adotada pelo Estado não corresponde totalmente à generalização da ação moral particular, ou seja, a abrangência do que conta como moral para o Estado parece desconsiderar preceitos mais básicos de garantias de direitos que pessoas como McAfee considera como sendo o verdadeiro “estilo americano” de ser: livre e não excessivamente intervencionista.

Outro ponto que nos chama a atenção no documentário é experimento do pensamento proposto pelo advogado de Ângela Davis ao fazer apelo ao júri, é um momento crucial no âmbito do currículo deste texto cultural, pois nos conduz ao exercício da reflexão e nos provoca a pensar diferente.

⁶ O clímax do documentário é o momento em que Ângela Davis é liberta, porém consideramos que o desenvolvimento dos fatos imediatamente anteriores a sua liberdade são decisivos e marcantes.

Quando Ângela Davis foi capturada, como era de se supor, seu advogado precisava provar que a fuga não era prova de culpa tal qual acreditava Guss Hall e todo movimento negro. E, em razão disso, ele se dirigiu ao júri e propôs o seguinte experimento do pensamento:

Quero que se imaginem numa situação. Nos próximos minutos pensem como negros. Quero que sejam negros. Não se preocupem, podem voltar a ser brancos quando terminarmos. Se você for negro, sabe que seus ancestrais foram trazidos como escravos e que a Suprema Corte dos Estados Unidos determinou que não há direitos que um negro tenha e que um branco deva respeitar. Uma intelectual como Ângela Davis sabia disso. Ela também sabia que, nos anos 1960 sempre que um negro levantava a voz em defesa da liberdade dos negros, ele era assassinado. Sabendo tudo isso, se você fosse Ângela Davis ou se fosse negro, não questionaria a fuga dela. A única dúvida seria porque ela se deixou capturar (LYNCH, 2012).

A sagacidade do advogado da filósofa foi decisiva para que ela não fosse levada à câmara de gás – realidade que esteve muito próxima de se concretizar –, visto que se ela fosse considerada culpada, sua sentença seria “cumprir” três penas perpétuas. Notavelmente, as acusações não pareciam versar, apenas, sobre a morte dos jovens e do juiz, mas parecia um modo estratégico de fazer de Ângela Davis um exemplo a não ser seguido.

Embora, a concepção de alteridade não seja expressamente nomeada no documentário, ela fica evidente. Essa é uma abordagem crítica extremamente salutar, dado que muitas pessoas por não possuírem essa capacidade acabam por condenar, sem motivos razoáveis, as demais. Além da falta dessa sensibilidade atentar contra o princípio básico de direito à vida, acaba por minar os juízos morais sempre que deixamos de raciocinar como nos convidou o advogado de Ângela Davis, muitos dos problemas reivindicados socialmente seriam sanados se parássemos para refletir conforme o princípio da alteridade.

Sabemos que essas lutas não foram tão simples e tampouco erradicaram o preconceito, no entanto foi um marco histórico para a luta dos direitos dos negros e das mulheres que sucederam os processos de abolição da escravidão pelo mundo. Neste mesmo contexto, a luta pelo direito das mulheres floresceu com bastante intensidade: seja a garantia do direito das mulheres brancas, seja a reivindicação das mulheres negras por um feminismo que também as contemplasse.

Não obstante, é de conhecimento que o feminismo branco estava florescendo nessa época. As mulheres brancas haviam conquistado certa ascensão social que anteriormente o patriarcado não havia permitido. Pensadoras, como Bell Hooks, por exemplo, criticam essa ascensão feminista seleta; a crítica de Hooks (2015, p. 193-194) refere-se, basicamente, à ideia de que o feminismo não correspondia ou não poderia ser resumido a “um seletivo grupo de mulheres brancas casadas, com formação universitária, de classe média e alta – donas de casa entediadas com o lazer, a casa, os filhos, as compras, que queriam mais da vida”. Segundo a autora, o tipo de concepção feminista das mulheres brancas ignorava que para que elas pudessem ascender socialmente, outras mulheres marginalizadas deveriam assumir os seus lugares, isto é, ter profissões menos abastadas enquanto elas pudessem gozar de maiores benefícios sociais.

O racismo continuava a abundar nos textos de feministas brancas, reforçando a supremacia branca e negando a possibilidade das mulheres de se conectarem politicamente, cruzando fronteiras étnicas e raciais. Segundo Hooks (2015, p. 195), “a recusa feminista, no passado, a de chamar a atenção para hierarquias raciais e as atacar, suprimiu a conexão entre raça e classe”. As mulheres brancas que dominavam o discurso feminista – as quais, na maior parte, faziam e, em geral, formulam a “teoria feminista” – tinham pouca ou nenhuma compreensão de que a supremacia branca era

uma estratégia ou, até mesmo de que o impacto psicológico da classe ou sua condição política dentro de um Estado racista, sexista e capitalista representavam.

O documentário relata pouco apoio da supremacia feminina branca nas lutas travadas por Ângela Davis, que resistia aos enunciados que lhe atribuíam de fugitiva e violenta. Demitida da universidade por pressão do então governador Ronald Reagan e injustamente acusada de terrorismo, Ângela divulgava liberdade, direitos iguais entre homens e mulheres, brancos, negros, negros e brancas. Ainda, que muitas vezes tenha se sentido só, abatida e praticamente doente, Ângela resistia e discursava o poder para o povo.

A necessidade de que exista um símbolo da resistência é exemplificada pela imagem do punho fechado, tal qual usada pelos Panteras Negras e pelo movimento *Black Power*. Imagens como essa permanecem no imaginário coletivo e representam a luta por direitos.

Imagens do documentário *Libertem Angela Davis e os prisioneiros políticos* (2012): 01': 07": 19''



Atualmente essa mesma imagem, se relaciona a outras lutas como do feminismo e de movimentos relacionados às questões de gênero, nacionalidade e orientação sexual. Os discursos dos símbolos colaboram para firmar concepções sociais, tanto para representação de direitos humanos, como para representar perspectivas fascistas.

Desse modo, as imagens são fundamentos importantes do ponto de vista das reivindicações sociais, não podemos nos esquecer de que a publicidade foi fator determinante na Segunda Guerra Mundial e permanece ainda nos dias atuais influenciando e ensinando modos de ser.

A partir de Giroux (2001), tomamos essas imagens como produção cultural, como forma de capital político que se converte em forças à medida que os meios de produção, divulgação e distribuição de informação transformam todos os setores da economia global, marcando o início de uma verdadeira revolução nas maneiras de produzir significados.

Giroux (2001) aponta que, ao concebermos a cultura de maneira ampla, ela se conecta ao poder e à política, considerando dois aspectos centrais: 1. as questões de propriedade, acesso e governo são cruciais para entendermos como o poder atua quando regula imagens, significados e ideias que compõem as práticas que formam o dia a dia; 2. a cultura exerce poder por meio de suas conexões com as subjetividades, ao decidir, oferecer identificações, por meio de conhecimentos, valores, ideologias e práticas sociais que estão à disposição num marco de relações desiguais de poder de diferentes setores da sociedade.

“Libertem Ângela Davis e todos os presos políticos” nos ensina que as lutas vão para além da cor da pele, do ser homem e ou mulher; as resistências contra as violências precisam avançar as estruturas legais. Refletir, analisar e se organizar por meio das amarrações entre raça, classe, gênero, sexualidade, feminismo e etnias podem colaborar para oposição consciente e os enfrentamentos pacíficos.

Considerações Finais

Os discursos do documentário nos ensinam que a luta por direitos é tarefa árdua e demanda coragem, não apenas para os problemas gerados pelas questões de raça como também o tema do gênero. No caso do documentário há um excelente exemplo de uma mulher ávida pela luta de direitos em um período que apenas as mulheres brancas tinham certo espaço na sociedade. Em razão disso, não apenas as questões de raça e gênero estão vinculadas com a luta por direitos como também os problemas relacionados ao patriarcado. A escolha do documentário, na verdade, é justificada por toda essa amplitude temática e não tanto por uma problemática mais focal que acaba por ser decorrência dessa luta incessante por direitos sociais.

Se analisarmos a fundo, deparamo-nos com muitos casos semelhantes de violência em nome de costumes tradicionais (patriarcalistas). Se nos Estados Unidos muitas vozes haviam sido caladas e, inclusive, tentaram fazer o mesmo com Ângela Davis, temos o caso icônico de Alan Turing na Inglaterra que culminou com seu suicídio. Alan Turing, matemático e lógico inglês, foi condenado nos anos 50 à castração química por se declarar abertamente homossexual. Não apenas ele foi completamente humilhado pelos efeitos nocivos dessa prática química como toda sua genialidade e contribuição social foram totalmente desconsideradas: ele foi responsável por decodificar a “Máquina Enigma” utilizada pelos nazistas para comunicação de suas estratégias de ataque na Segunda Guerra; salvou milhares de vidas inglesas por decifrar os códigos nazistas; foi responsável pela criação do computador moderno; entre outros feitos.

Por fim, o documentário é uma excelente ferramenta pedagógica e didática de sensibilização para os temas transversais, temas que boa parte da sociedade prefere

deixar marginalizados, devido à sua complexidade. Com esse documentário é possível, ainda, mostrar aos estudantes como o preconceito institucionalizado deve ser combatido, seja contra pobres, negros, mulheres, homossexuais, seja em suas relações interpessoais no ambiente escolar. Sem dúvidas, há possibilidades de mudar a compreensão dos sujeitos sobre diversos desses temas (tanto no âmbito geral quanto específico).

Ângela Davis (2018, p. 27): “... diria que, à medida que amadurecem, nossas lutas produzem novas ideias, novas questões e novos campos nos quais nos engajamos na busca pela liberdade”. Consideramos, portanto, que resistir no âmbito dos estudos culturais é se engajar de forma responsável e caminhar pra frente, sempre buscando avanços.

Concluimos por ora, que o documentário “Libertem Ângela Davis e todos os presos políticos” opera com a produção de discursos que tencionam as relações entre liberdade, luta e direito.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cathia. **O Lazer no Programa Escola da Família: análise do currículo e da ação dos educadores universitários** (Tese de Doutorado). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer. Belo Horizonte: UFMG/EEFTO, 2017.

CUNHA, Marlécio M. da Silva. O dispositivo pedagógico da nordestinidade no currículo do forró eletrônico. *In*: PARAÍSO, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010.

CUNHA, Marlécio M. da Silva. **Currículo, música e gênero: o que ensina o forró eletrônico?** (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2011.

CUNHA, Marlécio M. da Silva. Afinidade e afinações pós-críticas em torno de currículos de gosto duvidoso. *In*: MEYER, Dagmar E. PARAÍSO, Marlucy A. (org) **Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

DAL'IGNA, Maria C. **Família S/A: um estudo sobre a parceria família-escola**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DAL'IGNA, Maria C. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo. In: MEYER, Dagmar E. PARAISO, Marluicy A. (org) **Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

DAMICO, José. **Juventudes governadas: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França)**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2011.

DAVIS, Ângela. **A liberdade é uma luta constante**. Trad. CANDIANI, Heci R. São Paulo: Boitempo, 2018.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. **Educação e Realidade**, v.24, n.1, p.39-59, jan/jun, 1999.

FISCHER, Rosa M. B. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na tv. **Estudos Feministas**. Ano 9, 586, 2º Sem, 2001a.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro, 2001b.

FISCHER, Rosa M. B. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**. Maio/Jun/Jul/Ago, n. 20, 2002.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault revoluciona a pesquisa em educação? **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 21, n. 02, p. 371-389, jul./dez. 2003.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Curso no College de France (1975-1976). 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no *Collège de France* (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits. vol. IV. Estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 222 – 305.

GIROUX, Henry A. **Cultura, política y practica educativa**. Barcelona: Grão, Biblioteca de Aula, 2001.

GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, Tomaz T. (org). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 11 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

HOOKS, B. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, no16. Brasília, janeiro - abril de 2015, p. 193-210. 2015.

LYNCH, S. **Libertem Ângela Davis e todos os presos políticos**. Documentário, 2012.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. (RE) pensando as representações de gênero nos episódios de Peppa Pig. **Rev. Diversidade e Educação**, v.2, n.4, p. 38-41, jul./dez. 2014.

MELO, Victor. “Vai malandra”, Anitta e a urgência da animação cultural. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n.2, jun/2018.

MENDES, Claudio L. **Controla-me que te governo: os jogos para computador como formas de subjetivação e administração do eu**. Tese (Doutorado Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

MENDES, Claudio L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, abril de 2006.

PARAISO, Marlucy A. Contribuições dos Estudos Culturais para a Educação. **Presença Pedagógica**, v.10, n. 55, jan/fev, 2004.

PARAISO, Marlucy A. Currículo e Diferença. *In*: Paraíso, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010 a.

PARAISO, Marlucy A. Currículo e formação profissional em lazer. Isayama, Helder F. (org). **Lazer em estudo: Currículo e formação profissional**. Campinas: Papyrus, 2010b.

PARAISO, Marlucy A. Currículo e formação profissional em lazer. ISAYAMA, Helder F. (org). **Lazer em estudo: Currículo e formação profissional**. Campinas: Papyrus, 2010c.

PINAR, Willian F. A Reconceptualização dos Estudos Curriculares. *In*: Paraskeva, João M. (org). **Discursos Curriculares Contemporâneos**. Edições Pedagogo: Portugal, 2007.

PINAR, Willian F. Recolocar os estudos culturais nos estudos curriculares. *In*: Paraskeva, João M. (org). **Estudos Culturais, poder e educação**. Portugal: Edições Pedagogo, 2011.

RIBEIRO, Vândiner. Os sem terra no currículo da mídia. *In*: PARAÍSO, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010.

RIBEIRO, Vândiner. Paraiso, Marlucy A. Currículo e MST: conflitos de saberes e estratégias na produção de sujeitos. **Educ. Real**. v.40 n.3. Porto Alegre July/Sept. 2015.

SALES, Shirlei R. **Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, UFMG/FaE, 2010a.

SALES, Shirlei R. Interface entre currículo escolar e currículo do Orkut: ciborguização da juventude contemporânea. *In*: PARAÍSO, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010b.

SALES, Shirlei R. Etnografia + Netnografia + análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. *In*: MEYER, Dagmar E. PARAÍSO, Marlucy A. (org). **Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

SANCHES, Pedro A. Angela Davis e a abolição que não houve. **Carta Capital**. <https://www.cartacapital.com.br/cultura/angela-davis-e-a-abolicao-que-nao-houve> acesso 06 de agosto de 2018.

SILVA, Maria C. Currículo de filmes de animação: poder, governo e subjetividade dos/as infantis. *In*: PARAÍSO, Marlucy A. **Pesquisas sobre currículos e culturas**. Ed CRV: Curitiba, 2010.

SILVA, Tomaz T Currículo e identidade social: territórios contestados. *In*: SILVA, Tomaz T. (org). **Alienígenas na sala de aula Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 11. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

SOUSA, Francisco. Tazos e Barbies: quando o currículo paralelo se cruza com o formal na educação de infância. *Infância e educação: investigação e práticas*, **Revista do GEDEI**. Porto: Porto Editora, 2004, p. 73-88.

Endereço dos Autores:

Lucas Vinícius Cintra Mendes
Instituto Federal de São Paulo – Campus Salto
Av. Rio Branco 1780 – Vila Teixeira
Salto – SP – 13.320-271
Endereço Eletrônico: lucas.filosofia21@gmail.com

Cathia Alves
Instituto Federal de São Paulo – Campus Salto
Av. Rio Branco 1780 – Vila Teixeira
Salto – SP – 13.320-271
Endereço Eletrônico: alves.cathia10@gmail.com